

Muito espaço e poucas opções

A falta de diversidade e de opções em termos culturais e de lazer também são apontadas pelo professor Costonis como deficiências que Brasília ainda apresenta. Depois de solucionadas, ele acredita que se estará dando um grande passo para a humanização do ambiente e identificação das pessoas com a cidade em si.

Considerado o maior especialista do mundo em Planejamento Urbano, o professor John Costonis faz questão de frisar que não quer se equiparar "à grandeza de Brasília" através da extensão de suas críticas. Afinal, nos últimos anos, ele realizou sete viagens através do Brasil e pôde constatar que Brasília é, senão a melhor, uma das três cidades brasileiras — as outras duas são Curitiba e Campinas — melhores servidas em termos de equipamentos e infra-estrutura urbana.

Ele teve oportunidade de assistir aqui, há pouco mais de uma semana, uma corrida de pedestres no Eixo Monumental. "Talvez seja uma questão de excesso de espaço, que torna difícil a aproximação das pessoas. É necessária uma verdadeira multidão para se preencher os espaços da cidade e quando isso ocorre a interação é perfeita, a exemplo do que ocorreu nessa corrida".

WASHINGTON

Um bom exemplo de uma cidade planejada — e que foi algo, durante mais de cem anos, de constantes críticas — é o de Washington, compara o professor Costonis. "Enormes espaços, visão faraônica e mo-

numental, cidade temporária e sem raízes é cidade sem cultura". Até pouco tempo, lembra ele, essa era a visão do americano com relação a sua capital. Washington nada tem a ver com o resto dos Estados Unidos, pois foi planejada por um francês e sua arquitetura reflete o que na época predominava na Europa, completa Costonis.

Hoje, no entanto, Washington desafia até Nova Iorque em termos de iniciativas culturais. E isso de certa forma, não é bem visto pelos novaiorquinos, cuja cidade sempre foi o maior centro cultural do país. Para se chegar a esse ponto, porém, recorda o professor de Desenvolvimento Urbano, foi necessário que o governo se conscientizasse de que a capital do país precisava de sediar uma grande orquestra sinfônica, um grande corpo de balé e um local especial para exibições de vulto. "Hoje temos o Kennedy Center e uma vida cultural extremamente ativa, que projetou a cidade nacionalmente",

Isso torna mais fácil a identificação dos habitantes com sua cidade, pois a importância que ela adquire é mais um motivo de orgulho para eles. No mês passado, por exemplo, encerrou-se em Washington uma exposição de 57 pinturas do pintor espanhol, de origem grega, El Greco. Pela primeira vez fora da Espanha, foi apresentada uma coletânea de tal magnitude dos trabalhos do pintor e o local escolhido foi o National Gallery of Art. São coisas desse tipo que fazem a cidade firmar-se tanto no plano nacional como internacional, assegura Costonis.

A diversidade que Brasília

não oferece, reitera o professor norte-americano, também foi algo sentido por longo tempo em Washington, mas hoje superado em função das inúmeras opções que a cidade já oferece. A capital brasileira, porém, desfruta da vantagem de ter sido planejada por arquitetos brasileiros, ao contrário de Washington, e dentro de uma linguagem própria e exclusiva. "É uma arquitetura aberta, libertária e não autocrática e que representa um orgulho para todo o país".

SALVADOR

Brasília hoje seria uma cidade completa se, por exemplo, incorporasse o espírito reinante em Salvador. São dois pólos opostos. Brasília dispõe de toda a infra-estrutura, o que não ocorre em Salvador, onde os equipamentos urbanos são extremamente precários, mas nem de longe transmite aquela mistica, simbolismo e descontração que tornam a capital baiana uma cidade completa nesse sentido, garante John Costonis.

Ele ressalta, no entanto, que tudo isso poderá ser superado com o tempo, principalmente devido à "humanidade do brasileiro". Cracterística aliás que, na sua opinião, é "nossa maior trunfo". Costonis também vê na preservação dos acampamentos dos pioneiros que construíram a cidade um dado fundamental para resguardar a memória de Brailia. É que a convivência do antigo com o novo transmite às pessoas a sensação de proximidade com o passado que, apesar de recente, revela onde estão as raízes da cidade.